

O SEXO FEMININO

SEMANARIO DEDICADO AOS INTERESSES DA MULHER.

Assignaturas.

Por anno. 5\$000
Por semestre 2\$500
Publica-se 1 vez por semana.

« E' pelo intermedio da mulher que a natureza escreve no coração do homem. »

(AIME' MARTIN.)

Observações.

Toda a correspondencia será dirigida a D. Francisca Senhorinha de Motta Diniz.

PRINCIPAL REDACTORA—D. FRANCISCA S. DA M. DINIZ.—COLLABORADORAS, DIVERSAS.

O Sexo Feminino.

«O Sexo Feminino»—a escolanocturna d'Ouro Preto—e o Dr. Fonseca, lente da escola normal desta ultima cidade.

Este periodico trouxe em seu n. 3 uma decisão sobre uma questão grammatical, opinando que se devêra dizer:

Maria é bom musico e não boa musica.

Joanna é bom grammatico e não boa grammatica.

Eva é bom rhetorico e não boa rhetorica.

Appareceu a *Escola nocturna* de Ouro Preto, querendo corrigir a opinião supra, no falso supposto de que corrigia a *Escola normal* da Campanha.

No n. 10 deste periodico se disse que um lente desta escola sustenta a decisão dada por este periodico, e a cuja opinião se oppõe a referida *Escola nocturna*, que ainda excitou a autoridade de um lente da *Escola normal* de Ouro Preto, o Dr. Fonseca, que não se fez esperar, publicando sua correccão no *Echo de Minas* n. 80 que temos á vista.

Na resposta ou antes correccão dada por este lente Dr. Fonseca se lêem estas palavras, que decerto offendem susceptibilidades:

« Em vista destas considerações não posso deixar de corrigir ambas as escolas, dando-lhes o que a sciencia autorisa e o bom senso aconselha. »

A referida *escola nocturna* corrigindo diz, que se deve dizer em bom portuguez:

Maria é boa musico e não bom musico.

Joanna é boa grammatico e não bom grammatico.

Eva é boa rhetorico e não bom rhetorico.

Vid o *Diario de Minas* n. 149.

O mencionado Dr. Fonseca quiz passar á bollos a redacção deste periodico e a supra mencionada escola nocturna, dizendo que esta commetteu um *solcismo* e aquella um *barbarismo*; e que o *correcto* é:

Maria é boa musica.

Joanna é boa grammatica.

Eva é boa rhetorica.

Teremos aqui aquella celeberrima sentença —*jalla quem pôde*— está acabada a questão ? !

Não por certo; a sciencia não é monopolio de ninguem; houve só um Salomão de sciencia inspirada.

A opinião deste periodico não é um *barbarismo*, como em tom imperioso proclama alguém; e nem ainda a opinião da

escola nocturna pôde tambem ser taxada de *solecismo*.

Não seremos nós que digamos *corrijamos* o corregedor; não, mas ao menos seja-nos licito discordar da sentença condemnatoria, embargando-a, por nulidade, visto ter sido dada por juiz *incompetente*, e que não ouviu a parte.

Os embargos fundão-se na autoridade de — Passos, dictionario grammatical portuguez—verbo *feminino*, pag. 128.

Uma decisão, assim fundada, não pode ser taxada de *barbarismo*.

Lembramos á escola nocturna que não deixe passar em julgado a predita sentença condemnatoria; que tambem a embargue, fundamentando-se na autoridade do *respeitavel lexicographo Moraes*, em sua grammatica portugueza, que vem junta ao seu dictionario—e mais em *Freire, reflexões sobre a lingua portugueza* parte 2ª pag. 8. onde se lê que outr'ora se dizia em bom portuguez—*o peste—o torrente—o sege*.

João de Barros, em sua grammatica portugueza pag. 3, disse:

« Nicotrasta, madre de Evandro, foi inventor de 17 letras do abecedario »

Hoje mesmo muitos illustres escriptores dizem:—A' senhora F..... foi conferido o grão de *doutor* e não de *doutora*.

Com quanto não compertilhemos o modo de dizer da Escola nocturna do Ouro Preto, com tudo não ousamos de taxar de *disparatada* sua opinião, tendo-a por *solecismo*.

Solecismo é dizer-se:

« Concertou-se duas cadeiras.

« Ouvi-se vozes.

« Esta aqui os livros.

« Eu lhe vi—eu lhe estimo. »

Aproveitando o ensejo, imos consignar na imprensa nosso modo de pensar relativamante aos *classicos*.

Não ha phrase por mais rancosa, *anachronica* e extravagante que não possa ser apadrinhada pela autoridade prisca de algum carunchoso escriptor, que para logo é chamado a campo em qualquer questão hodierna; como si o modo de dizer de homens do tempo de nosso pai Adão, podesse servir de *tira teima* em nossos dias.

Já é tempo de aposentarmos toda essa gente, hoje toda reduzida a pó, e d'entre a qual um dos mais modernos é o P. Antonio Vieira, que ha 176 annos deixou de existir.

O respeito que se vota a esses *luzeiros* d'outr'ora, e que hoje estão prestes a apagarem-se, já toca á *superstição*; nem tanto!!

Aquelle estylo brilhante e pomposo—esse gosto especial na confecção de *periodos de legua e meio*, podião ser então apreciados; mas não passam de espantalhos que só servem para descorçoar os estudantes, constituindo *monopolio* de certos professores, que supõem possuírem a chave do segredo na decifração de *taes classicos*.

Já é tempo de termos uma autoridade de academia, como tem a França, onde não ha uma questão grammatical que não seja, logo que surge, decidida por autoridade legal dessa corporação.

Colloquemos nossos antigos classicos em nossas estantes—defendamo-los das *infernaes traças*—encaremo-los como preciosos monumentos historicos da lingua vernacula; mas digamos-lhe um adeos de despedida, cochichando-lhes aos ouvidos:

Fôra o regresso.

Viva o progresso.

Um paiz que possuiu e ainda possuiu pennas como as dos *Andradas*, *Mont'alverne*, *Alencar*, *Macedo*, *Torres Homem*, *Firmino*, *Octaviano*, *Saldanha Marinho*,

Perreira Vianna e outros muitos homens litteratos e muito principalmente a nova pleiade dos illustres installadores da Escola do Povo da Córte já pôde formar a sua litteratura nacional, e bem assim formar uma corporação scientifica para com autoridade legal construir um monumento em todos os ramos de nossa moderna litteratura.

Este periodico não pôde e nem deve perder tempo com discussões destas que só servem para desnaturar o programma que se impoz; portanto não voltaremos mais á esta questão.

Campanha, Novembro de 1873.

AMELIA DINIZ.

Litteratura.

Educação.

Quando Pedro o Grande, occupado na difficil empresa de civilisar a Russia, se lembrou de mandar viajar mancebos das differentes classes do imperio, convencido de que as observações que elles fizessem nos paizes cultos da Europa concorrerão efficazmente para desterrar a barbaridade do seu, apresentou ao senado este projecto; todos os senadores o applaudirão, ou por que o julgáram util, ou porque nem Pedro o Grande podia ser isento da fatalidade commum a todos os Reis de terem sempre razão; um só entre tantos teve a nobre franqueza de o desapprovar.

Uma contradicção irrita sempre o homem vulgar, mas attrahe ás vezes a sympathia das grandes almas; o Imperador a quem não seduzia a pluralidade e o numero de approvadores, quiz ouvir a razão;—então o honrado senador voltando-se para elle, e tendo muitas dobras em um papel, entregou-lh'o, dizendo:

—Tirai senhor, as dobras a esse papel; e acrescentou: costumes invete-

rados pela educação só por ella é que se podem tirar.

Estas palavras precedidas de uma tal demonstração de analogia, fizeram tão viva impressão no illustrado monarcha e tão decisiva, que, em vez do projecto das viagens, determinou que por toda a parte se multiplicassem escolas e estabelecimentos de educação; meio unico por que é possível mudar os costumes de um povo.

Uma mãe semeia fructas no chão para ensinar andar a seu filho, afasta-se d'elle, sorri-lhe, chama-o, estende-lhe os braços; si o filho cahe, corre cheia de inquietação em seu soccorro, enxuga ternamente suas lagrimas, e o consola.

Assim faz a *Providencia* a respeito do homem.

Um religioso, querendo consolar uma dama venesiana, que tinha perdido seu unico filho, lembrava-lhe a obediencia de Abrão, quando Deus, ordenou-lhe que immolasse seu filho. Ah! meu *padre*, respondeu-lhe aquella com impetuosidade, Deus não teria jamais ordenado este sacrificio á uma mãe!

Traduzido do francez pelas irmãs

AMELIA DINIZ,

ALBERTINA DINIZ.

Variedade.

Modo de refrescar as flores murchas.

A maior parte das flores murchão vinte e quatro horas depois de colhidas e postas em vasos com agua fria; quasi todas podem conservar-se por mais tempo, servindo-se de agua quente em vez de fria.

Quando as flores principião á murchar, deve-se pô-las em agua bem quente, mas de maneira que mergulhe só metade do

pé (hastea) da flor ; quando a agua esfriar, a flor se levanta e recupera sua frescura.

Antes de as pôr outra vez no vaso com agua fria, deve-se cortar a parte da hastea que esteve mergulhada n'agua quente.

Este processo pôde-se fazer duas á tres vezes com a mesma flor, tendo-se cuidado de colhe-las com a hastea bem comprida.

Tres-Pontas, 1873.

MAJOLES.

Charada.

Elle é macaco,
Elle é veado.

2
2

Charada

Ponho existencia
Dentes tambem
Que é d'onde vem
O meu veneno.

4
2

A decifração do enigma e charada do n. 11, do enigma é—NOME;—a da charada é—ROSALINA.

Noticiario.

GRATIDÃO—PERMUTA—A redacção deste periodico agradece ás diversas saudações que varios collegas nas lides da imprensa lhe tem dirigido, chegando a bondade e delicadeza ao ponto de em artigos especias, noticiarem o apparecimento desta tolha, teerem elogios laes que não podem deixar de penhorar e captivar a gratidão da redactora.

Em permuta foram recebidos os seguintes periodicos, que continuão assim enumerados:

28.—O *Mineiro*, de Pouso Alegre.

29.—O *Anjo Familiar*, da Côrte.

30.—A *Vóz da Juventude*, de Vassouras.

31.—O *Jornal de Valença*, da Bahia.

33.—O *Conciliador*, de Santa Catharina.

Poesia.

A Ave Maria.

Eá no templo solitario
Entre as verdes serranias
Quando ouço o campanario
Vibrar as *Aves Marias*,
Eu me recordo tristonha
Da minha infancia risonha
Onde passei breves dias.

Essa hora ao fim do dia
Quando no bronze soava,
Co'as maninhas eu corria
Ao papai, que nos chamava;
E ante a cruz me prostrando,
Ia as préces recitando
Que mamãi nos ensinava.

Que feliz então eu era,
Nesse tempo que correu,
Nessa flórea primavera
Que tantos gozos me deu!
E hoje, qu'è desses sonhos?
Qu'è dos dias tão risonhos?
Tudo, tudo feneceu! . . .

E hoje, choro e deliro
Sem o affecto de meus pais;
Sem ouvir terno suspiro
Corresponder aos meus ais!
E aqui na soledade,
Eu pranteio a flicidade
Que p'ra mim não volta mais!

E quando ouço distante
O bronze dar essa hora,
Sinto n'alma, delirante,
Uma dôr que me devóra;
Ena terra me prostrando,
Eu repito soluçando
As doces préces de outr'ora.

D. ANNA ELY.

Typ. do—*Monarchista*.—Campanha.